

AS RAÇAS-RAIZ

“Pela sua natureza, a Luz dilatou-se como se interiorizasse a impaciência cósmica da solidão... e reconheceu-se no reflexo das coisas criadas. Assim, a Luz brilhou nas trevas que preenchiam os abismos.”

(Hermes Trismegistus)

Os maçons chamam de **Supremo Arquiteto** o Ser que construiu o universo onde outros seres de grandeza inconcebível, e exalados do Seu próprio Ser, iriam construir corpos para Suas próprias manifestações físicas, seguindo o projeto de um Plano que só pode começar a ser conhecido quando se alcança as mais altas iniciações. Esses seres são chamados de **Logos** porque se manifestam quando o Criador pronuncia a palavra para que a Sua criatura venha à Luz – no caso, um corpo físico, um corpo de manifestação.

Após um planejamento, o Logos se apropria de uma porção de matéria física do Mundo Cósmico para qualificá-la e organizá-la de tal modo que o seu propósito para encarnação seja alcançado. Para isso, Ele ativa seu átomo físico permanente e... faz-se a Luz.

Segundo os ensinamentos do Mestre Tibetano, a questão de fazer surgir a Luz consiste no ato do Logos imprimir nessa matéria já existente a Sua própria vibração – **tanmatra**¹. Assim, a “questão do verbo” é apenas a vibração específica que organiza as partículas individuais para que, unidas em diversos níveis, formem a matéria dos Planos – do Divino ao Físico denso².

Portanto, damos ao nosso Deus solar o nome de Logos, porque foi através do “**Fiat Lux!**” (Bíblia) que Ele surgiu, qualificando a matéria reunida numa porção do espaço infinito. A essa porção do espaço infinito damos o nome de **Sistema Solar**.

Dizem os “Anais” que, quando o nosso Deus solar criou o Seu sistema, “Ele apareceu como uma montanha de Luz dissipando as trevas”. E desse modo poético foi descrito o amanhecer do nosso sistema de mundos que será dirigido por Aquele que é Uno na Sua divindade e Trino na manifestação dos Seus poderes. Dizem ainda os “Anais” que, aos pés desse Ser solar, estão Aqueles que são conhecidos como “as Formas que, confusamente, são vislumbradas no meio da Luz”. São eles os Sete Espíritos ante o Trono (Bíblia). Cada um recebe um esquema composto de sete cadeias, cada cadeia abrigando sete globos cada uma, por onde a Vida vai evoluir. A um desses *Espíritos ante o Trono* coube o esquema ao qual pertence a nossa Terra. Vale lembrar que este esquema também comporta sete cadeias (cada uma com sete globos). Uma delas é conhecida como “Cadeia da Lua”. Outra é a Cadeia da Terra e nela está o globo onde vivemos.

A Dra. Annie Besant, em seu livro “Genealogia do Homem”, nos dá a seguinte explicação:

“A Teosofia dá a esses grandes seres o nome genérico de Logos Planetários. Eles têm sido identificados com cada um dos sete planetas, aos quais foram entregues os Esquema. Fazendo a Vida evoluir através das cadeias de globos, esses Logos são auxiliados por outros grandes seres conhecidos como **Hierarquias Criadoras**, ou **Ordens Criadoras**. Cada uma dessas Ordens é presidida por um dos doze grandes deuses que são mencionados em todas as literaturas antigas e são simbolizados nos conhecidos “doze signos do zodíaco”. Tais círculos astronômicos são os símbolos sobre os quais está escrito o Plano de Deus para o sistema solar; nessas tradições do passado encontraremos o que nos norteará para que possamos sair do labirinto”.

(Genealogia do Homem – Annie Besant)

¹ Tanmatra – usando o exemplo da onda do mar, diz-se que o impulso que faz a onda chegar na areia é o **tanmatra** e o **tattva** é a marca que ele deixa.

² Em laboratórios de acústica demonstra-se que o som, que é onda mecânica, constrói formas geométricas variáveis, conforme o instrumento produtor do som e a frequência desse som.

ARMANDO O PALCO PARA O HOMEM APARECER

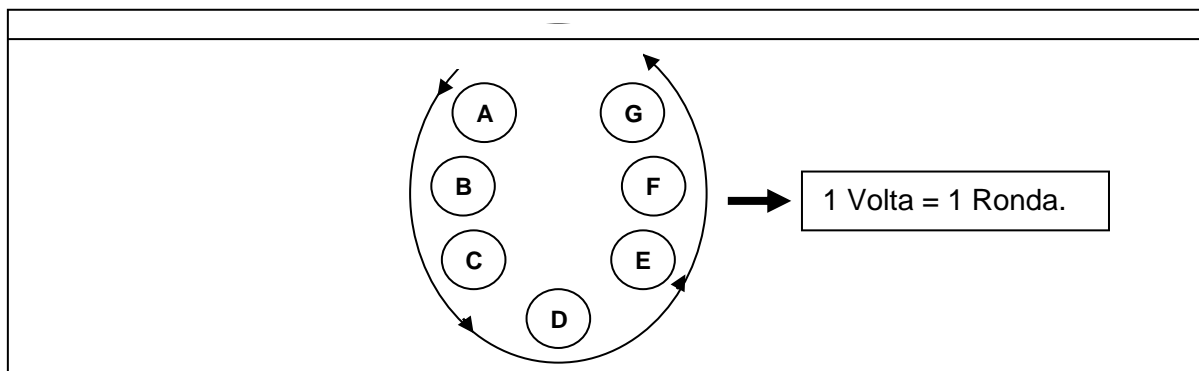
Nosso Logos solar tem sob Sua responsabilidade um conjunto de mundos, chamado de “Esquema Evolucionário”, que Ele dividiu em sete porções, cada uma comportando sete conjuntos com 49 globos cada. Os conjuntos de 49 globos se chamam cadeias (são como os elos de uma corrente). Assim, temos um total de 343 globos por onde a Vida irá evoluir.

7 Globos = 1 Cadeia
7 Cadeias = 1 Esquema de evolução

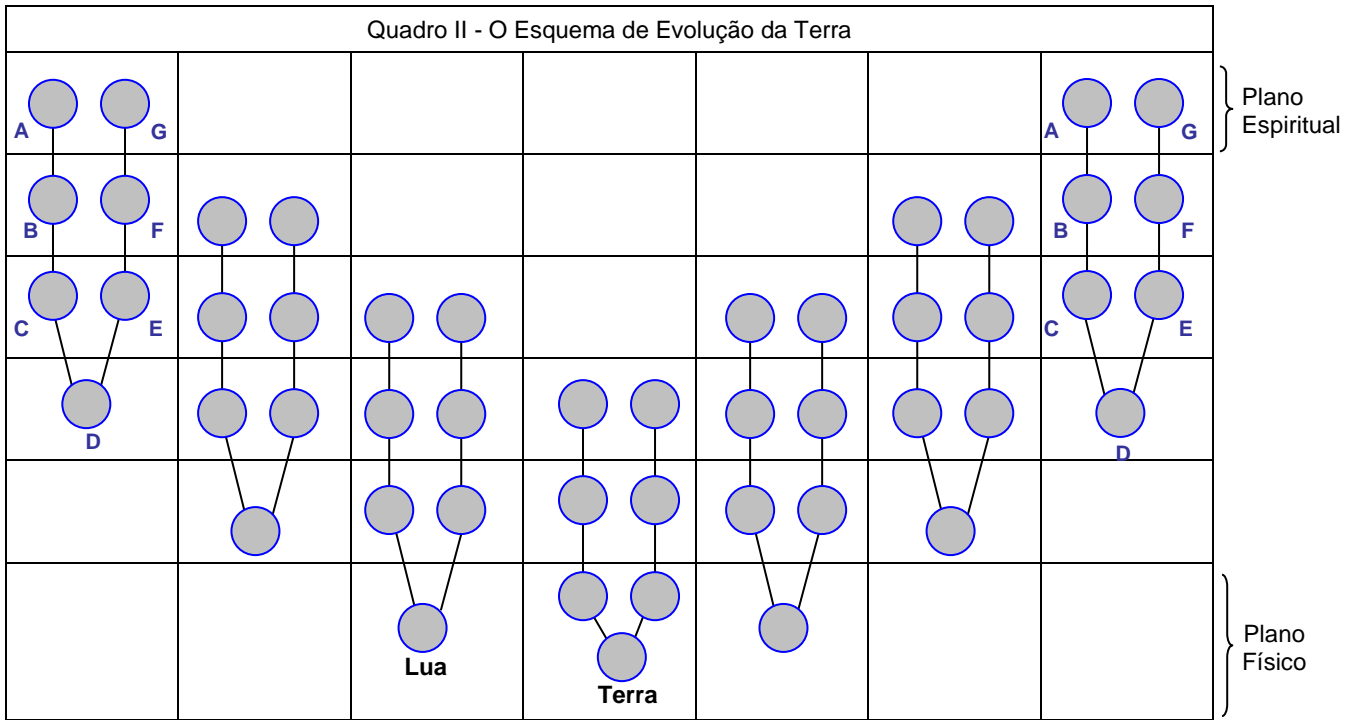
No presente, estamos limitados ao reino de um Logos Planetário (o reino ao qual pertencemos). Cada Logos preside um campo de evolução (cadeias de globos) desse grande esquema contido na mente do Arquiteto. Anteriormente à manifestação de nossa cadeia já havia, evoluindo dentro do Esquema do Logos Planetário, a chamada **Cadeia Lunar**, de onde veio a Vida para a Terra. Damos a cada Cadeia o nome do seu globo de matéria mais densa; assim é Cadeia Lunar, porque a Lua era o globo mais denso entre os sete que a compunham (a cadeia Lunar não abriga mais a vida em evolução e a Lua está lentamente se desintegrando).

Uma cadeia é por onde a Vida vai evoluir, sob a vigilância de um Logos Planetário, passando sete vezes em cada um dos seus sete globos. Cada uma das “passagens” da Vida por um dos globos toma o nome de **Ronda**, isto é, cada volta, do globo A ao globo G, é uma **Ronda**.

Quadro I - uma Cadeia com seus sete Globos.



No diagrama a seguir, mostramos o esquema de evolução onde o nosso planeta Terra aparece como o globo de matéria mais densa do 4º conjunto dando, por isso, o nome de Terra à cadeia.

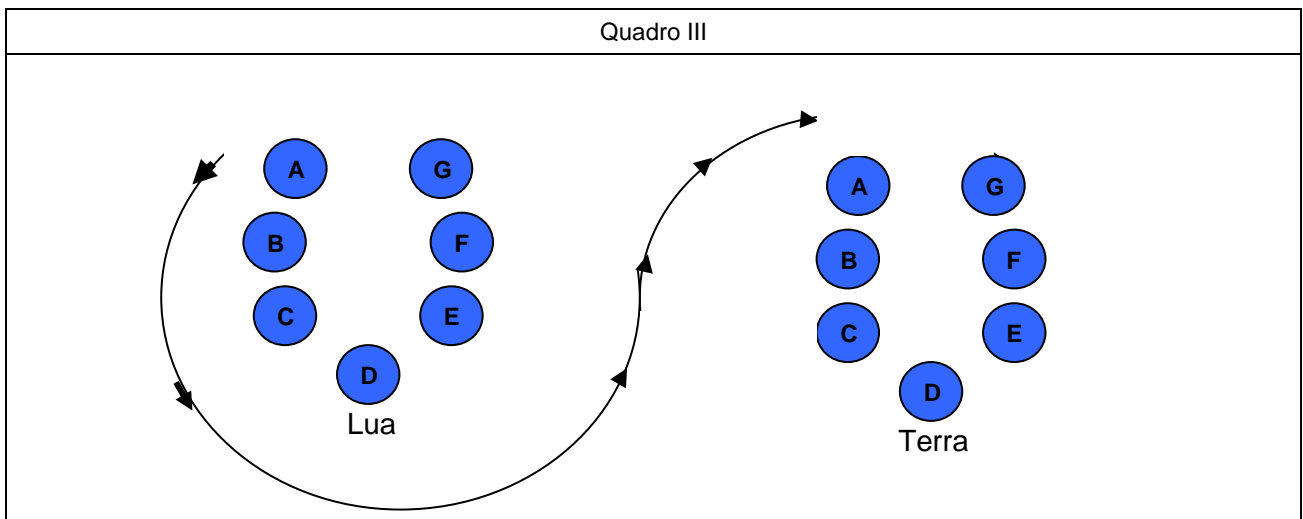


Em cada Ronda a Vida vai passando em um globo de cada vez, para que a sua humanidade possa vivenciar etapas e, assim, adquirir experiência. Isto é possível porque a atenção do Logos da Cadeia se volta para cada globo em especial, como é o caso da nossa Terra, atualmente; é como se Ele se ocupasse em desenvolver uma humanidade de cada vez. Diz-se, então, que o globo sob a atenção especial do Logos está vivendo um **Período Mundial**.

7 Períodos Mundiais = 7 Rondas

Quando a Vida, seguindo o Plano de Deus, termina a sua evolução numa cadeia, após as experiências em seus sete globos, ela é transferida para a cadeia seguinte, e assim sucessivamente, até completar a sua evolução nas sete cadeias que formam um **Esquema** (ver quadro II).

7 Cadeias = 1 Esquema de Evolução



Após cumprir parte do seu tempo no globo lunar, a Vida começou a migrar para a nossa cadeia. A Terra se preparava, então, para cumprir o seu destino, tal como conhecemos hoje³. Quando a Terra ficou pronta, seres da Lua começaram a ceder suas sombras para que, nelas, se edificassem corpos para as primeiras raças humanas na Terra.

Reunidas em grupos e com características iguais, ao começarem a sua peregrinação pelas encarnações, as Vidas que são divinas são chamadas de **RAÇAS-RAIZ**. Elas são as raízes para as humanidades que delas vão surgindo, modificadas através dos tempos pelas experiências adquiridas, passando a ser denominadas de sub-raças dessa raça da qual provieram.

7 Sub-raças = 1 Raça-raiz

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS RAÇAS

Vimos anteriormente que, em torno do nosso Logos Solar, estão aqueles chamados Espíritos ante o Trono; e estes têm como seus auxiliares as doze Hierarquias Criadoras, cuja missão é construir as cadeias e os corpos dos homens. No que se refere à nossa particular evolução, presentemente só temos a ver com sete dessas Hierarquias, cujos membros são também conhecidos pelo nome de **PITRIS**, que significa “pais” ou “geradores”, tanto na nossa genealogia espiritual quanto na física.

“... mesmo que tenham seguido, ponto por ponto, as pegadas da genealogia do homem, isto, no entanto, não faz com que estejam de posse da sua genealogia”.
(Annie Besant)

Helena Petrovna Blavatsky nos ensina que, ao procurarmos entender o homem e a sua genealogia, devemos levar em consideração “três grandes linhas de evolução”:

1ª – a **evolução espiritual** que é, definitivamente, a mais importante, pois é o Espírito o dono da matéria, que não só guia a matéria, como modela e lhe dá a forma e, somente com o conhecimento desta genealogia espiritual, o homem deixará de ser um problema insolúvel.

2ª – no pólo oposto da natureza humana, isto é, na **evolução física**, está a genealogia do corpo do homem. A genealogia espiritual é a descida gradual do Espírito à matéria. A genealogia física é o resultado da ascensão do Espírito através da matéria, a qual ele modela para dar lugar à manifestação dos seus próprios e inerentes poderes.

3ª – examinando essas duas grandes linhas, uma delas vindo do alto para baixo e a outra indo de baixo para cima, chegamos ao ponto em que uma terceira linha de evolução na genealogia do homem se junta às duas primeiras e as une para formar o ser humano: é a **evolução intelectual**, isto é, a chegada do Ego, com o objetivo de tomar posse do seu tabernáculo físico e uni-lo ao Espírito que o tem ocultado, mas que, não obstante, o tem modelado e construído por meio da sua sutil influência.

³ Este dramático processo será exposto com o texto da Estância de Dzyan nº 1.

Assim que tenhamos traçado a evolução espiritual, a física e a intelectual, então se apresenta diante de nós uma vasta perspectiva na qual encontramos a mais completa e compreensível genealogia do homem, traçada em amplos e bem definidos perfis que nos permitirão começar a compreender a maravilha dessa natureza humana que é “Deus”, Deus manifestado na Forma – divino em Essência e Poderes – Deus no seu aspecto Transcendente e no seu aspecto Imanente.

Continuando, Helena P. Blavatsky diz: “para a formação dos três **UPADIS** (envolturas periódicas), existe na natureza um tríplice esquema evolucionário ou, melhor dizendo, há três esquemas diferentes de evolução que, no nosso sistema, estão entrelaçados e entremesclados constantemente” e que são:

1º – o Monádico, que como o seu próprio nome indica, é o que se refere ao progresso e desenvolvimento das atividades elevadas das mônadas em conjunção com:

2º – o Intelectual, representado pelos Devas Solares (conhecidos no Oriente sob o nome de Manasa Dhyanis) ou Agniswattas Pitris e, ainda, também como os Pais solares, que são os doadores da inteligência e da consciência dos homens. E, por fim:

3º – o Físico, representado pelos Chhayas (sombas) dos Pais lunares (Pitris lunares) em torno dos quais a natureza condensou o atual corpo denso.

A união dessas três correntes no homem é o que faz dele o ser altamente complexo que é hoje.

AS RAÇAS-RAIZ

O estudo das raças-raiz é de grande importância para o entendimento do plano divino, permitindo ao homem acelerar a sua evolução como indivíduo e também como coletividade, isto é, como parte da humanidade. A importância e a utilidade desse conhecimento muitas vezes passa despercebida para a maioria dos homens, incluindo alguns esotéricos, por não saberem dar a esse estudo o devido enfoque e o correto relacionamento, assim como é feito na Antropologia, ciência humana que estuda e pesquisa a evolução do homem e tem diversas ramificações: física, social, cultural, etc.

Sob o ponto de vista esotérico, há dois enfoques principais norteando a visão das raças-raiz. O primeiro é o plano do Logos Planetário, que não conhecemos, mas temos que realizar (o propósito deste plano é conhecido apenas por Mestres de elevada iniciação). O segundo é o ponto de vista da Mônada humana, que evolui utilizando os corpos das diversas raças-raiz para despertar e consolidar suas qualidades e poderes – ela está sempre presente em todos os planos da natureza, mas não sabe usar os corpos de que dispõe. Assim, em cada cadeia e em cada plano, ela tem uma nova experiência, preparando-se para “não ser apanhada de surpresa” quando chegar ao plano físico.

Através da análise profunda das características físicas e culturais das diversas raças-raiz, sub-raças e ramificações de sub-raça, podemos delinear o plano do Manu, do Bodisattwa e do Mahachohan ao longo dos períodos evolucionários.

Também podemos analisar esse conhecimento olhando a **humanidade como pétalas no chacra laríngeo do Logos Planetário**. Cada raça-raiz exerce um papel diferente nessas pétalas e, assim, contribui para a manifestação de uma determinada qualidade que o Logos Planetário precisa desenvolver. Este estudo da ação das diversas raças sobre as pétalas do chacra laríngeo do Logos Planetário é altamente fascinante.

Como exemplo da aplicação deste conhecimento, vamos fazer uma pequena análise das raças-raiz do atual período global da Terra:

- A 1ª raça-raiz, astral, desenvolveu somente a audição.
- A 2ª raça-raiz, etérica, desenvolveu o tato.
- A 3ª raça-raiz, a lemuriana, desenvolveu a visão. Nesta raça-raiz foi implantada a chispa da mente, embora o homem lemuriano não soubesse usar a mente – seu propósito era reconhecer, fortificar e consolidar o corpo físico denso. Por isso o homem lemuriano viveu intensamente a vida física e o mundo das sensações físicas.
- A 4ª raça-raiz, a atlante, viveu intensamente as emoções, através do corpo físico, para consolidar o corpo astral. ...”a brilhante Luz gerada na Atlântida” (D.K.)
- A 5ª raça-raiz, a ariana, tem que viver e desenvolver a mente concreta em suas diversas diferenciações, por meio do corpo físico, através das sub-raças e ramificações de sub-raças. Esta é a atual raça-raiz.
- A 6ª raça-raiz deverá desenvolver a mente abstrata usando a mente concreta já consolidada e o corpo físico.
- A 7ª raça-raiz desenvolverá a intuição através da mente abstrata, então já consolidada e do corpo físico. Na 7ª raça-raiz, a sintetizadora, todas as qualidades conquistadas serão reforçadas, consolidadas e sintetizadas.

Concluindo, podemos afirmar que o estudo profundo e de forma científica das raças-raiz é altamente útil para o homem, pois sabendo a qualidade que o Logos Planetário está desenvolvendo no momento, ele saberá em que pétala está e poderá melhor contribuir, adotando um modo de ser coerente com essa qualidade.

A pesquisa sobre as raças-raiz e suas sub-raças nada tem a ver com as transformações sofridas pelas etnias na Terra, decorrentes da miscigenação das raças. Assim:

- do negro com o branco surgiu o mulato;
- do índio com o branco surgiu o mameluco;
- do índio com o negro surgiu o cafuzo.

Nosso assunto tem a ver com a “invenção” do homem e seu gradual aparecimento no nosso planeta.

No volume III da Doutrina Secreta há uma riqueza incalculável de informações sobre a criação do homem. Mas é impossível trazer tudo que ali está para estas páginas, pois então precisaríamos de pelo menos um ano para esse estudo.

Este material servirá apenas como uma sinalização. Quem se interessar “*vai ter que pegar a picareta e seguir os veios*”, pois é realmente um trabalho de garimpagem.

A RIQUEZA MESMO É PODERMOS SABER: QUEM SOMOS... DE ONDE VIEMOS... PARA ONDE VAMOS

Esse conhecimento põe a questão da condição humana nas mãos do próprio homem, tornando-o o árbitro de seu próprio destino.

Vamos juntar, agora, algumas informações sobre o campo onde a vida se desenvolveu e tentar pegar o fio da meada do aparecimento do homem na Terra e da sua constituição em raças, neste mundo onde tudo vai evoluindo com a experiência dos veículos. Ao mesmo tempo, vamos aprendendo como é que a consciência vem se servindo desses veículos, através dos tempos, para evoluir.

Quando lemos sobre a formação das raças, podemos imaginar o mundo como um palco onde o homem encarnado representa um papel específico, em um drama que é a sua própria evolução.

O mestre Djwahl Khul diz: “Os reinos inferiores e os grandes seres não têm alternativa, senão assumirem o encargo e se darem por inteiro”. Vamos, então, refletir sobre esta informação.

Os reinos inferiores, como não têm autoconsciência, evoluem sob a pressão da Lei, sem jamais lhe opor qualquer obstáculo. Sabemos que tais reinos fazem parte do corpo da Terra e existiriam mesmo sem servirem de hospedagem para as tríades humanas. A meta que cumprem com precisão é fazer evoluir o Espírito da Terra.

O Homem foi colocado nesse palco com um papel predeterminado e com um texto que lhe é “peculiar”; mas ele usa o seu livre arbítrio para alterar o texto, o que faz com que ele tenha de, por repetidas vezes, voltar à Terra para quase que as mesmas experiências, até que a sua consciência capte a razão da existência. O homem usa o livre arbítrio como um barquinho que ele rema para trás.

Os grandes seres, porque conhecem o propósito ao qual servem, colaboram com a Lei. Não fazem uso do livre arbítrio, pois já disseram: “Pai, faça-se a Tua Vontade.”

Vamos imaginar a *evolução* como se fosse um grande oceano com todos os reinos remando na direção da Luz, enfrentando ondas e ventos, mas todos com determinação e, então, os homens, com seus barquinhos remando na direção contrária e ainda fazendo uma turbulência neste grande campo de evolução, dificultando o avanço dos outros reinos. A cobiça, a ganância, o preconceito e a separatividade são o que interfere neste grande processo evolutivo.

Nós não teremos idéia de como foi distribuído o papel que representamos enquanto não conhecermos como tudo começou para nós, desde que, da Lua, vieram aqueles que nos deram os corpos que ocupamos e com os quais temos que caminhar até o final dos nossos tempos, quando, então, como disse a grande mestra H.P.B.:

“Na Eternidade do Espírito Universal e único, onde submergia e resumida nesse grande Todo, minha pobre e pequena alma encontrará seu nirvana e descansará de suas existências tormentosas e miseráveis. A atividade febril terminará, afogada na inatividade espiritual, o ínfimo átomo individual sumido no todo universal e, então, H.P.B., de gotinha de água turva se haverá convertido num oceano sem limites, sem fim, nem começo”.
(extraído do livro “Mártir do Século XIX” de Rosso de Luna)

Decidi expor dentro deste trabalho sobre as raças-raiz e os continentes onde foi possível que elas se desenvolvessem, alguns comentários que nos ajudarão a entender a razão e a utilidade de emprendermos tais estudos.

Começo com as inspiradoras palavras de A. E. Powell.

“O objetivo desse conhecimento não é dar ao homem estudioso uma massa enciclopédica de informações, mas sim permitir que ele conheça e compreenda os princípios que determinam o poderoso Plano, em obediência ao qual tudo se encontra soberbamente ordenado neste universo, em que nem um pardal cai ao chão sem o conhecimento do Pai do sistema ao qual temos a honra de pertencer”.

A. E. Powell – O Sistema Solar

Uma massa enciclopédica de conhecimento acabaria se transformando em um novo “Bezerro de Ouro” para o estudante. Nossa meta deverá ser, sempre, nos qualificarmos mais para servirmos mais e melhor.

No seu livro “Sabedoria Antiga” a Sra. Besant nos dá uma indicação de onde reside a nossa dificuldade, quando cita:

“Como é que esta criatura, que é livre para escolher, vai aprender a escolher a lei do sacrifício, optando pela dor que é inevitável no processo de ruptura das formas”

A criatura de que fala o texto é a nossa personalidade. A dor é a que sofremos quando começamos a conhecer o nosso destino de “Portadores da Luz” e começamos a desalojar de nossa mente e de nossa vida conceitos que já não têm mais utilidade. Conceitos que atrasam a nossa evolução, ainda que já tenham sido úteis para o homem vencer a inércia da matéria dos seus corpos e começar a caminhar sob a Luz da sua alma, indo com decisão na direção daquela fonte, da qual nos falou a “velha senhora”. Romper com o reinado do mundo da forma, só mesmo rompendo com a absurda identificação que temos com este mundo; a força para esse rompimento nos virá através do conhecimento, da reflexão, da meditação e da prestação de serviço e, segundo o Mestre Tibetano:

“Servir é o resultado de um extraordinário acontecimento interno.”⁴

ESTUDO DAS RAÇAS-RAIZ E DOS CONTINENTES QUE AS ABRIGARAM

Generalidades:

Quadro IV		
7 sub-raças	1 raça-raiz	
7 raças-raiz	1 período global	Período durante o qual um globo plenamente ativo sustenta a corrente de vida.
49 raças-raiz	1 ronda	Passagem do ciclo de vida pelos 7 globos (7 períodos globais)
7 rondas	1 cadeia	(49 períodos globais)
7 cadeias	1 esquema evolutivo	(49 rondas ou 343 períodos globais)
7 cadeias + 7 esquemas evolutivos		nosso sistema solar

As rondas reproduzem as cadeias. Da mesma forma, as raças têm relação com as rondas. Na primeira cadeia, as mônadas que deverão ser seres humanos em nossa cadeia (cadeia terrestre) encarnaram no reino mineral.

A 1ª ronda, portanto, vai reproduzir a 1ª cadeia e o elemento mineral vai servir para construir as formas nas quais as mônadas lunares encarnarão. Evidentemente, não devemos imaginar que o mineral dessa época tenha sido semelhante ao que conhecemos atualmente como mineral. No entanto, as formas já se agregavam e se desagregavam segundo as leis do mundo mineral.

ESTÂNCIAS DE DZYAN (D.S. T. III)

O Livro de Dzyan é uma coleção de documentos arcaicos, completamente desconhecido dos filósofos modernos e que não figura nas bibliotecas européias. Essa obra, escrita em folhas de palmas tratadas por um processo desconhecido que as impermeabilizou quanto à ação da água e do fogo, é de uma antiguidade que não se pode calcular.

⁴ *apud* “O Despertar da Consciência”.

ESTÂNCIA I - APELO DA TERRA (ALEGORIA)

Disse a Terra:

*“Senhor da face resplandecente!
Minha casa está vazia...
Envia meus filhos para povoar esta roda.
Enviaste Teus sete filhos ao Senhor da Sabedoria.*

Sete vezes Ele vê mais próximo!”

(o comentário se refere ao fato astronômico de que Mercúrio recebe, do Sol, sete vezes mais luz e calor do que a Terra.)

“O Sol se recusa a povoar o Globo porque ele não está pronto para conter a vida.”

(havia ainda muitas convulsões no Planeta)

Disse o Senhor da face resplandecente:

*“Eu te enviarei um fogo quando tiveres começado a tua obra.
Cessa as tuas queixas... Tuas sete peles ainda estão sobre ti.*

(sete camadas geológicas e períodos geológicos)

*Tu não estás preparada.
Os teus homens ainda não estão preparados.”*

Pouco a pouco as convulsões sísmicas se acalmam, só reaparecendo após longos intervalos durante os quais a Terra se mantém de forma relativamente estável. Mas é, ainda, uma massa em evolução.

Porém, no começo da 4ª Ronda, a Terra já está com seus elementos mais densos, mas o fogo ainda domina – há terríveis convulsões. Erupções vulcânicas, grandes devastações, montanhas são arremessadas a grandes distâncias, como se a natureza estivesse brincando. Em toda parte irrompe o fogo, saindo do cume dos montes. Esse caos lembra a 1ª Ronda em miniatura, com uma diferença: a maior densidade da matéria torna o choque e o tumulto mais dramáticos do que quando a composição dos globos era mais sutil.

Essa situação durou muitos milhões de anos, durante os quais os Espíritos da Natureza se absorveram no trabalho, formando minerais, vegetais e animais das espécies inferiores. Do resto das três Rondas precedentes tiraram as conchas vazias de formas, modelando-as em novos organismos vivos.

Os resultados são estranhos monstros híbridos de todos os tipos mistos de gerações, semi-humanos e semianimais.

ESTÂNCIA II – A TERRA RESOLVE CRIAR DO SEU PRÓPRIO SEIO

Pode-se dizer que foram produzidos pela “mão principiante da natureza”, pois eram obra dos Devas Inferiores, os Espíritos da Natureza, sem a ajuda do Poder orientador dos Senhores da Lua. Para os que não crêem nessas criações, a própria natureza nos mostra, de tempos em tempos, exemplares humanos monstruosos – crianças com duas cabeças, xifópagos; corpos com um único coração ou um só fígado.

Isso prova que, se a natureza se permite tais caprichos, “*mesmo depois de estar normalizada, durante eras, na ordem do seu trabalho evolucionário*”, tais monstros, que são descritos nos anais antigos, eram possíveis no princípio da sua programação. (H.P.B.)

Privados da autoridade dos grandes Pitris, os Devas Inferiores fracassam em sua tentativa de organizar formas estáveis sobre a Terra.

Somente quando os grandes abalos sísmicos estão sensivelmente atenuados é que a Terra se encontra no ponto de receber o homem verdadeiro (há 300 milhões de anos). Com a intervenção dos grandes Senhores da Lua, as formas inferiores são destruídas por grandes inundações. E um vasto oceano morno, no qual são conservados os germes das futuras espécies vegetais e animais, se espalha sobre a Terra completamente desprovida de habitantes.

Um grupo de pesquisadores liderados pelo Bispo Leadbeater e pela Sra. Annie Besant, em pesquisa em que se valeram de poderes especiais para investigar o passado, dizem que nessa fase os germes do reino vegetal eram vistos como um tapete de espuma quase sempre verde, cobrindo a Terra.

O 1º Continente surge desse oceano.

SURGE O PRIMEIRO CONTINENTE

Em um determinado ponto do globo, gradualmente aparece a primeira porção de terra firme. É o pico do monte Meru, no extremo do pólo norte, a terra dos Devas. O monte Meru, o eixo do globo, ainda que surgido do pólo, tem suas raízes profundamente fixadas na cordilheira de montanhas do Himalaia chamado de *Cinturão da Terra*.

Assim, o 1º continente surge na calota polar, na região do Monte Meru e em torno dele aparecem em seguida, sete pontas ou promontórios.

Na literatura hindu este continente é chamado de *Pushara, Jambu-Dvipa ou Shvetadvipa*. Os Parsis o chamavam pelo nome *Airyana Vaejo* e dizem que ali nasceu o seu grande profeta Zaratustra. Na literatura ocidental este local é também conhecido como Ilha Sagrada, Terra Imperecível ou Ilha Branca.

A razão desses nomes é que ele nunca participou da sorte dos outros continentes, por ser o único cujo destino é durar até o fim do *Manvantara*, passando por todas as rondas. Nele deve nascer cada uma das raças humanas, não importa o lugar para onde sejam conduzidas após o seu nascimento. Ele é o berço do 1º homem e também, será a morada do último mortal divino. É o lugar do nascimento de cada raça, sob o império de Dhruva – O Senhor da Estrela Polar.

É uma terra misteriosa e considerada sagrada. Tudo o que se diz dela nos anais é que:

“A Estrela Polar mantém sobre ela o seu olhar vigilante desde o nascimento até o fim do crepúsculo de um dia do grande alento ou dia do grande sopro, conhecido na Índia como Um Dia de Brahma.”

A PRIMEIRA RAÇA-RAIZ

Os grandes Choans chamaram os Senhores da Luz (a humanidade mais avançada da Lua, constituída pelos seres que haviam alcançado a 4ª iniciação) e lhes ordenaram a criação de homens de sua natureza, fornecendo-lhes formas de seus próprios corpos. Tais formas deveriam ficar, mais tarde, no “interior”, como bases para revestimentos externos mais densos.⁵

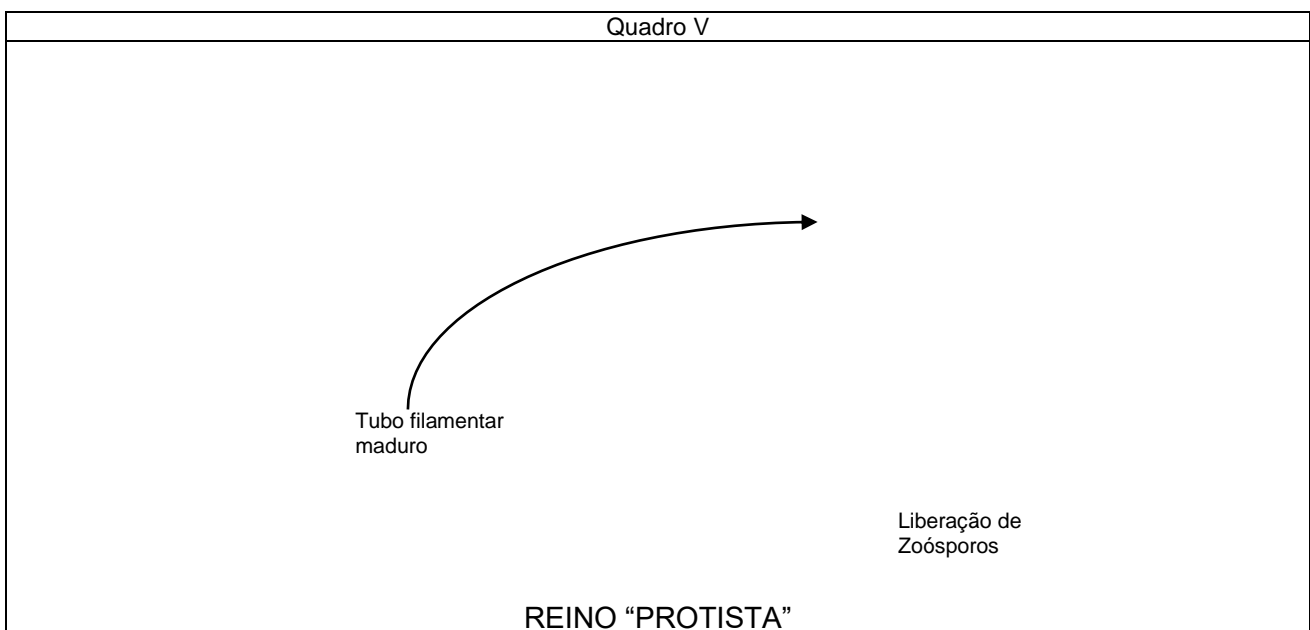
⁵ Diz-se que cada raça, em sua evolução, nasce sob a influência direta de um planeta.

Os seres da 1ª raça são um amontoado de energia que vai se condensando. Aparece apenas um núcleo ligeiramente diferenciado e, no lugar onde a energia se condensa mais efetivamente, forma-se o rudimento da atual coluna vertebral.

Tais seres eram grandes formas sem contornos precisos, sem sexo, flutuando ao acaso na atmosfera espessa e nos mares mornos, mudando sem parar de aspecto.

A cor era branco-amarelada, com reflexos cintilantes do tipo raio de luar. Às vezes tinham tonalidades amarelo-esverdeadas. Eram como sombras, fantasmas sem ossos, gigantes redondos que lembravam cogumelos. Tinham dificuldade para sair do lugar, o que faziam voando ou aos saltos, dando impulsos.

Para se reproduzir, a forma se dividia em duas, e um outro Ego ocupava a 2ª metade. Eram como que pedaços de um indivíduo dando origem a outros seres, que viriam a se reproduzir por brotação, como ocorre com organismos inferiores ainda hoje, a exemplo da reprodução de células, micróbios, etc.



Era uma raça astral e seus seres não podiam ser feridos pelo fogo nem pela água. O homem futuro – e ninguém mais – é quem está em evolução nas formas astrais da 1ª raça-raiz. Esta raça se fundiu na 2ª raça-raiz: a sombra endureceu mais um pouco e a 1ª raça desapareceu na 2ª raça. Foi uma transformação completa.

PITRIS

Diz-se que, para criar o Homem, os grandes Choans (Senhores) chamaram os Senhores da Lua de corpos aéreos. Mas quem são esses Senhores da Lua?

Alguns desses Pitris não queriam ir, não queriam criar, e ficaram para trás. São os Senhores da Chama. Mas quem são "Eles", os que criam, e quem são os "Senhores da Chama" que não querem criar?

O ocultismo divide os "Criadores" em doze classes, quatro das quais já alcançaram a libertação. A quinta está próxima de alcançá-la, mas permanece ainda ativa nos planos intelectuais, ao passo que as outras sete ainda estão diretamente submetidas à lei cármica. Estas últimas atuam nos Globos da nossa Cadeia em que se encontram seres humanos.

Com respeito à evolução física, existe uma numerosa classe de seres que a dirigem. Esses seres são conhecidos na literatura do Hinduísmo pelo nome genérico de Pitris Pitris (ou progenitores). A evolução das formas na cadeia terrestre é dirigida pelos Pitris Lunares. Esses Pitris são divididos em sete classes. Três classes são arúpicas (sem forma), os Agniswattas Pitris, e quatro classes são rúpicas (com forma), os Barishads Pitris. Cada uma das quatro classes de Barishads Pitris dirige a evolução em uma ronda, ligando-se aos Devas Construtores do Plano e aos Senhores do Carma. Para a construção das formas usam como operários do trabalho os Espíritos da Natureza e os Elementais Construtores sob seu comando.

A primeira classe dos Barishads Pitris dirige a evolução na 1ª Ronda, sendo responsável pelos arquétipos dos três Reinos Elementais e do Reino Mineral. Seu corpo mais denso é o Causal.

A segunda classe dos Barishads Pitris dirige a evolução na 2ª Ronda, sendo responsável pelos arquétipos do Reino Vegetal. Seu corpo mais denso é o Mental.

A terceira classe dos Barishads Pitris dirige a evolução na 3ª Ronda, sendo responsável pelos arquétipos do Reino Animal. Seu corpo mais denso é o Astral.

A quarta classe dos Barishads Pitris dirige a evolução na 4ª Ronda, sendo responsável pelos arquétipos do Reino Humano. Seu corpo mais denso é o Astral. *(aqui começa a 1ª. Raça).*

ESTÂNCIA II

(D.S. T. III) Antropogênese

“A Natureza não ajudada fracassa.

A Terra cria do seu próprio seio...

Produziu homens aquáticos terríveis e perversos, monstros meio humanos – meio animais”.

Os homens aquáticos “terríveis e perversos” que foram produto da natureza física sozinha, resultado do impulso evolucionário e da primeira tentativa de criar o Homem (que é a meta e a coroação de toda a vida animal na Terra) são indicados como fracassos.

O 2º CONTINENTE

O 2º continente, berço da 2ª Raça-Raiz, foi uma terra que estendeu seus promontórios ao sul e ao leste do pólo norte para receber a Raça-Raiz.

Os antigos gregos chamavam esta longínqua terra de **Região Hiperbórea**, para onde o Deus Apolo viajava no seu Carro do Sol (esta tradição se refere ao equinócio da primavera, quando o Sol cruza o Equador em direção ao hemisfério norte, e que para nós, do Hemisfério Sul, se refere ao outono).

Algumas regiões do norte da Ásia: a Groenlândia, parte da Suécia, a Noruega, as Ilhas Britânicas e o Deserto de Gobi (que foi anteriormente um grande mar), são remanescentes do antigo continente Hiperbóreo.

Na literatura hindu, este continente é chamado de **Plaksha-Duipa, Avalon ou Cítia**.

Na época do seu aparecimento, este 2º continente tinha uma rica vegetação e suas planícies eram ensolaradas. Alguns naturalistas encontraram nessas regiões fósseis de vegetação tropical.

A 2ª RAÇA-RAIZ

Quando chegou o momento de aparecer a 2ª Raça-Raiz, os espíritos da natureza (conhecidos também como Devas inferiores) agregaram em torno das “Sombras” da 1ª. Raça, partículas mais densas de matéria, formando uma espécie de concha mais dura do lado de fora, que conteve a sombra. Assim, “o externo da 1ª. Raça transmutou-se no interno da 2ª. Raça” (D.S., T. II, 18), isto é, a “Sombra” que era todo o corpo da 1ª. raça passou a ser o duplo etérico da 2ª Raça.

Esta raça é conhecida como **“Filhos do Sol e da Lua, Pai Amarelo/Mãe Branca” (D.S. T. II, 19)** e nasceu sobre a influência do planeta Júpiter.

Esses seres tinham aparência heterogênea. Alguns mantinham a forma filamentososa, às vezes se pareciam com vegetais (árvores, cogumelos) e outras vezes com animais (alguns com perfil quase humano)... flutuavam no espaço... sua cor era amarelo-dourada, às vezes indo até o alaranjado, ou a tonalidades do limão...

Para finalizar, cumpre lembrar que a 2ª. Raça-Raiz, nas etapas finais do seu desenvolvimento, já possuía corpos conformados de matéria crítica, e que na sua totalidade ela era uma recapitulação da 2ª. Ronda.

Assim, esses seres apresentavam uma forma meio gelatinosa, meio informe, que tinha o curioso aspecto que o Bispo Leadbeater chamou de **Sacos de Pudim** ou **Sacos de Mingau**. Essas formas lembravam também soldados com pernas amputadas e com o uniforme costurado ao redor do corpo.

Eles flutuavam sobre a superfície ainda ardente da terra, aparentemente insensíveis ao calor.

O TERCEIRO CONTINENTE

Lemúria (também chamada de Shâlmali), foi o nome que Helena Petrovna Blavatsky decidiu usar, na sua monumental obra “Doutrina Secreta”, para designar o continente que ela chamou de o “berço da terceira raça-raiz” aproveitando o nome que havia sido dado ao continente pelo naturalista inglês P. L. Sclater o qual, por sua vez, usou este nome por causa do macaco da raça Lêmure abundante naquelas terras... Sclater, embasado em pesquisas geológicas feitas entre os anos de 1850 e 1860, confirmou a existência de um continente que teria antecedido o atlântico e o africano.

O aspecto da Terra modificou-se sensivelmente antes da aparição da Terceira Raça-Raiz. É nesses tempos que o cinturão do Himalaia aparece; o mar imenso que se estendia para o sul de Plaksha, o segundo continente, então, cobria o deserto de Gobi, o Tibet e a Mongólia, e foi dentre as águas do sul desse mar que surgiu a grande cordilheira dos Himalaias e a terra apareceu lentamente até o Sri Lanka (Ceilão), Sumatra, Austrália, Tasmânia e a Ilha de Páscoa. Para o ocidente, surgiu também Madagascar e a parte da África, somando-se a tudo isso a Noruega, a Suécia e a Sibéria oriental e ocidental, formando um enorme Continente que chegou até parte da Patagônia. Surgiu a Lemúria, o berço da raça na qual, num futuro ainda longínquo em relação a esses tempos, começaria a se manifestar a inteligência.

Os sobreviventes dos últimos lemurianos que escaparam da destruição do continente foram os ancestrais de uma parte das tribos indígenas que são os aborígenes atuais. Sendo uma raça muito inferior, engendrada originalmente com animais e outros seres monstruosos, seu tronco racial existe desde esses tempos num meio sujeito à Lei do Retardo.

Moralmente irresponsáveis, esses homens da Terceira raça, mantendo relações antinaturais com espécies animais inferiores a eles (que eram pouco mais que animais), deram origem ao referido (e perseguido) elo perdido, que somente no período terciário veio a ser o remoto antepassado do verdadeiro símio, tal como o conhecemos hoje na família Pitecóide (semelhante ao macaco).

O chamado “pecado original” foi esse mal cometido inconscientemente, mas que produziu um efeito catastrófico... A Austrália, segundo H.P.B., é atualmente (final do séc. XIX) uma das terras mais antigas sobre as águas e se encontra na decrepitude senil, apesar do seu solo virgem. Lá

não se pode produzir formas novas, a menos que ela seja ajudada por raças novas e sadias e por criações e culturas artificiais.

TERCEIRA RAÇA-RAIZ

A humanidade da Terceira Raça-Raiz é a mais misteriosa das cinco raças que até agora se desenvolveram. O mistério do “como” da geração dos diferentes sexos tem, naturalmente, que permanecer obscuro, pois é assunto para a embriologia.

As raças vêm ao mundo presididas por um planeta; assim surge a Terceira Raça-Raiz, sob a chancela de dois planetas:

- **Vênus** (ou Shukra) para os hermafroditas que se converteram em veículos para os Senhores da Sabedoria, assunto que vamos estudar mais tarde;
- **Marte** (ou Lohitânga) para os de sexo já separado.

Não há muita informação sobre as primeiras três sub-raças dessa Terceira Raça por não terem deixado marcas, pois seus corpos ainda não estavam totalmente completos.

Sentidos:

Audição da 1ª. Raça (consciência em Atma) e **tato** da 2ª. Raça (consciência em Atma e Budi), mais a **visão** na 3ª. Raça (consciência em Atma, Budi e Manas), mas é somente no final da raça que os dois olhos – então relacionado ao **mental**, foram organizados; no início os olhos estavam sob a pele e bem separados, depois verdadeiramente abertos sob o abrigo das pálpebras. O olho no meio da testa somente na 4ª. Raça-Raiz se atrofiou completamente. A lembrança dos Cíclopes, gigantes barbudos e estúpidos, com um grande olho vermelho como fogo no meio da testa, vem dessa fase da raça de gigantes.

Os animais também eram enormes e o lemuriano, que não conhecia o sílex nem os metais, só tinha o corpo a corpo para enfrentá-los; foi um período especialmente difícil. “Na época do homem primitivo, o gênero humano era vítima do reino animal e carecia de qualquer defesa”. No passado os animais selvagens encurralavam os seres humanos. A Lei de retribuição rege em todos os reinos. Possivelmente essa lei seja um dos fatores que levou a humanidade a ser carnívora... o argumento dos vegetarianos sobre o sacrifício dos animais para serem usados como alimento talvez não seja tão sólido como acreditam as pessoas do tipo emocional e sentimental, mesmo tendo chegado à conclusão sobre a retribuição, esse assunto me preocupou sempre pois amo os animais.⁶

Os primeiros seres depois da separação dos sexos ainda tinham formas pesadas e gigantescas. Além do único olho que brilhava com um fulgor vermelho escuro, havia o nariz achatado, os maxilares proeminentes e a testa que era um grosso rolo de músculos – a aparência do rosto era simiesca.

ESTÂNCIA IX – COMENTÁRIOS

¹⁰ - As formas externas dos primeiros exemplares humanos não eram uniformes, pois os cascarões externos ovóides, nos quais o homem futuro e plenamente físico, estava ainda em gestação, foram com muita frequência corrompidos, antes de poderem endurecer completamente, por animais desconhecidos atualmente e que pertenciam a tentativas e esforços da natureza para criar seres. O resultado foi que se produziram raças intermediárias de monstros, meio homens/meio animais; porém, como eram fracassos, não lhes foi permitido viver por muito tempo e logo foram varridos da Terra. Os chamados “nascidos do ovo” tomaram como companheiras várias dessas fêmeas (nascidas dos ovos corrompidos) e com elas engendraram outros monstros.

⁶ Autobiografia inconclusa de Alice Ann Bailey

Havendo a 1ª Raça-Raiz dado surgimento à 2ª Raça-Raiz, esta dá origem à 3ª Raça-Raiz, objeto agora do nosso estudo, que por sua vez se separa em três divisões distintas de homens diferentemente procriados (D.S. T. III - pág. 138, Editora Kier).

As duas primeiras criações nessa raça se produziram, como se sabe, por um método desconhecido da história natural moderna para a criação de seres humanos. As primeiras sub-raças dessa humanidade procriavam suas espécies por meio da exsudação do fluido vital cujas gotas, coagulando-se, formavam uma espécie de massa de formato ovóide. Os primeiros nascidos não tinham sexo nem forma definida; porém as criaturas das sub-raças posteriores nasciam andróginas ou hermafroditas, até que os sexos foram finalmente separados e de modo definitivo na 3ª sub-raça dessa Raça. Gradualmente começou a ocorrer uma mudança nesse processo evolutivo, surgindo, na sua primeira etapa, os hermafroditas, seres nos quais um dos sexos predominava sobre o outro, alternadamente, sendo diferente da andrógina, pois, a cada vez, no momento de procriar, um dos sexos tinha a função de óvulo e lhe cabia, nessa fase, a tarefa da gestação. Isso prosseguiu até que a Hierarquia tomou a decisão de separá-los definitivamente e os sexos masculino e feminino apareceram diferenciados.

Então vemos que o grande salto da natureza foi que, dos ovos que produziam seres fora do corpo do progenitor, e de um modo que era mal percebido, a evolução trouxe seres que produziam a sua descendência pelo processo que se mantém até hoje, com o ovo se desenvolvendo no ventre feminino.

Como era o ovo e o processo de gerar seres?

As emanações que se desprendiam de seus corpos durante a época da procriação eram massas ovulares, eram pequenos núcleos esferoidais que se desenvolviam num veículo grande, mole e que ia gradualmente endurecendo – depois de um certo período dessa gestação esse ovo se rompia e saía dele um jovem animal humano sem qualquer ajuda externa, como sucede com as nossas aves (D.S. T. III - pág. 169). É como uma célula que se separa das demais e se desenvolve sozinha ao se desprender do indivíduo progenitor.

Segundo o ocultista, Bispo Leadbeater, a alguns ovos foi dispensado um tratamento especial. Cuidados pelos Senhores da Lua, esses ovos foram especialmente magnetizados e conservados numa temperatura ideal até que a forma humana se desvencilhasse da casca. A criatura era então cuidadosamente alimentada e o seu desenvolvimento era acompanhado com extrema atenção, até que um Barishad ocupasse esse corpo e passasse a trabalhar no Plano Físico.

No “Banquete” de Platão, o filósofo Aristófanes fala sobre o assunto dessa evolução humana com a seguinte descrição desses seres de sexo indiferenciado:

“Nossa natureza não era, no passado, o mesmo que é atualmente. Era andrógina, a forma era comum a ambos os seres (machos e fêmeas). Seus corpos eram redondos e seu modo de correr era circular. Eram terríveis em força e vigor e tinham uma ambição prodigiosa. Para lhes quebrar a força, Zeus dividiu-os em dois e Apolo (o Sol) lhes fechou a pele”.

São muitas as lendas sobre o desenvolvimento das Raças e, em sua maioria com total credibilidade. H.P.B., aos que fazem objeções às informações sobre essas questões alegando que são fruto de fantasia, ela contesta dizendo que uma prova de que os sábios do Egito acreditavam e conheciam uma doutrina secreta é que ela era ensinada nos santuários na fase das Iniciações. Ela também sugere que se conheça uma obra do grego Estobeu, que é um conhecido compilador de fragmentos antigos e que viveu no século V a.C.

Recapitulando:

As mônadas mais avançadas encobrem as formas embrionárias (sombas) do que viria a ser a Primeira Raça-Raiz e dirigem o desenvolvimento daquilo que vemos como embriões ainda não humanos, pois estavam apenas sendo modelados. Começam a ser construídos, de modo rudimentar, os sistemas de órgãos apropriados para que esses projetos de seres pudessem se

comunicar com o mundo exterior onde, num futuro longínquo, serão seres de complexa organização física e psicológica. Desenvolvem a **audição** para que possam responder ao grau de vibrações conhecidas como SOM.

Quando essas mônadas passam à 2ª Raça-Raiz, além da audição, aparece o **tato** para que futuramente possam ter melhor percepção e consciência do plano físico. Começam a responder ao contato do ar assim como do fogo e de modo geral, respondem com alguma maior intensidade ao mundo físico que as formas da 1ª Raça-Raiz.

Com a entrada das mônadas na 3ª Raça-Raiz, o progresso começa a ficar mais evidente. Entra o sentido da **visão** que, gradualmente, vai se juntando à audição e ao tato. Essas conquistas vêm trazendo mais conforto e maior domínio do mundo exterior que, assim vai ficando, ainda que lentamente, mais definido fisicamente e de mais clara compreensão para esse ser tão destituído ainda de quase tudo, mas que está destinado a ser o "**homem**", a glória de toda a criação; **a Tocha que Deus vai elevar sobre a Sua Criação**.

A linguagem, que durante as duas primeiras raças só consiste em meros gritos para expressar seus toscos sentimentos, vai se converter em monossilábica já na 3ª sub-raça da 3ª Raça-Raiz. Nesse tempo a forma humana, tosca e imperfeita, mas já clara e distintamente humana e abrigada (protegida) pela mônada, está pronta para receber a inteligência. Enquanto isso, no plano físico ela é estúpida e ignorante e incapaz de controlar os transtornos do mundo exterior, sendo sacudida sem clemência pelas inconstâncias que ainda são sentidas no planeta. Sua incipiente consciência reside mais no plano superior (etérico e astral) para onde fugiam constantemente, razão de que parecessem tão estúpidas vivendo como num sonho.

A mônada, por isso, não podia enviar muita força vital a essa criatura sem inteligência para não a colocar em perigo. É nesse tempo que chegam os chamados "Filhos da Mente" para juntar nesse ser, às aquisições anteriores, o elemento "**mente**", indispensável à segurança e ao progresso da raça... agora deve começar a evolução intelectual e obscurecer por um tempo a evolução espiritual.

O progresso torna-se cada vez mais evidente preparando o ainda pequeno e pouco capaz ser humano para o seu maior salto para o alto. Neste ponto, na tarefa de fazer evoluir o ser humano, os Senhores da Lua e o Manu da 3ª Raça-Raiz já haviam empenhado todos os seus esforços para conduzir os homens ao ponto onde, tendo já sido avivado o germen da mente, eles estivessem em condições de receber o seu Ego. A porta por onde elementos do reino animal haviam passado ao reino humano já estava fechada e não havia outro caminho que não fosse "seguir na direção da Luz"... "**Então vieram os Senhores da Chama**".

...a época foi a que colocou a Terra em condições magnéticas mais favoráveis devido a que um insólito fenômeno astrológico de uma excepcional conjunção de planetas apareceu no céu.

Segundo descrição de C. W. Leadbeater:

"com o estrondoso bramido de uma torrente e envolta em nuvens ígneas que cobriam o firmamento de extensas línguas de fogo, descendo então de inconcebíveis alturas, relampejou através dos aéreos espaços a carruagem dos "Filhos de Fogo", os Senhores da Chama que, vindos de Vênus, pousaram sobre a Ilha Branca risonhamente estendida no seio do mar de Gobi". (hoje deserto de Gobi).

A Ilha Branca estava verdejante de folhagens e radiante de matizada floração; era como se a Terra oferecesse a mais amorosa boas-vindas aos seu chegado Rei, o novo governador da Terra, que veio do Seu Reino acompanhado de seus discípulos – "os Três Kumaras", seus auxiliares imediatos... ali estavam também com ele, trinta Poderosos Seres que constituíram a primeira Hierarquia na Terra. A morada desses Seres foi e é a Imperecível Terra Sagrada em que brilha a sempre eterna Estrela refulgente, símbolo do Monarca da terra, SANAT KUMARA, o Imutável, Pólo em torno do qual está sempre girando a vida na nossa Terra.

A raça lemuriana estava então na curva de conversão para a verdadeira etapa humana.

Nota: para auxílio dos estudantes, colocamos aqui a tabela demonstrativa do Período Terciário que, segundo depoimento acadêmico, durou 70.000.000 de anos e se divide nas seguintes etapas:

Plioceno	Mioceno	Oligoceno	Eoceno
15.000.000	20.000.000*	10.000.000	25.000.000

(*) Quando submergiu a 4ª. Raça-Raiz (D.S. T. III – pág. 160)

Há uma certa dificuldade de fazermos as pessoas acreditarem em seres que eram apenas sombras, às quais, com o correr dos tempos, foram sendo acrescentadas coberturas de matéria mais densa até chegarmos aos corpos definitivamente densos do final da 3ª Raça-Raiz em diante. Mais uma vez a Sra. H.P.B. vem em nosso auxílio contando uma linda história e apresentando como prova um fato conhecido.

A primeira Raça, como já foi relatado, havendo emanado dos corpos dos Pais Lunares está contada numa alegoria cósmica dos Puranas, livro sagrado da Índia.

É a bela história de Sanjaiã, a filha de Vishvakarma, casada com o sol e que, “não podendo resistir aos ferveres do seu senhor” deu-lhe a sua sombra (Chhâyâ, imagem ou corpo astral) enquanto ela própria se retirava para uma clausura a fim de praticar devoções religiosas chamadas de Tapas. .. o Sol, acreditando que aquela sombra era a sua esposa, engendrou filhos com ela, assim como Adão havia feito com Lilith, que também era uma sombra etérea, como na lenda, ainda que uma monstruosa fêmea real, viva há milhões de anos.

... se as formas materializadas que às vezes são vistas emanando dos corpos de certos médiuns (ectoplasma) pudessem fixar-se e tornarem-se sólidas em vez de desvanecerem, a criação das duas primeiras Raças seria perfeitamente compreensível (D.S. T. III – pág. 177).

Estamos apresentando neste trabalho o conhecimento em pequenos blocos, que não só vão informar, mas que têm, também, como objetivo, estimular a pesquisa para que o quadro se apresente por inteiro.

Aqueles veículos ovóides em que o homem futuro plenamente físico estava em gestação e que foram corrompidos, deu por resultado que se produzissem raças intermediárias de monstros, meio animais, meio homens e que, sendo fracassos, não lhes foi permitido ter vida longa. Mesmo assim, este acasalamento continuou a produzir monstros, até que as espécies animais e as raças humanas foram se equilibrando gradualmente, separaram-se e não voltaram a se juntar (D.S. T. III – pág. 193). Assim, por causa do carma, os Reis e Senhores das raças 3 e 4 puseram o selo da proibição sobre as relações pecaminosas.

Em um comentário antigo lemos:

Ainda em tempos posteriores havia homens-animais de caras vermelhas e azuis, não por comércio carnal entre a espécie animal e a raça humana e sim por descendência. ... homens negros, de pelo vermelho que andam de quatro patas, que se curvam e se endireitam (que ficam de pé e logo se deixam cair sobre as mãos). Mesmo esses não descendem dos monos antropóides (semelhantes ao homem) e sim de pais humanos e mães semi-humanas, isto é, os fracassos já mencionados. Os verdadeiros antropóides (os catirinos e platirinos de Haeckel) vieram muito mais tarde, nos últimos tempos dos atlantes – o orangotango, o gorila, o chimpanzé são as últimas evoluções puramente físicas dos mamíferos antropóides inferiores. Possuem em si uma chispa da essência puramente humana, mas não têm sangue pitecóide. Até recentemente, ainda existiam descendentes de homens animais, ou seja, descendentes dessas tribos ou raças meio animais, tanto de origem remota da Lemúria quanto da Lemuro-Atlante. O mundo os conhece por “tasmânios” (extintos), certas tribos australianas, uma tribo das montanhas da China, cujos homens e mulheres são completamente cobertos de pelos, os selvagens de Bornéu (Malásia), os Veddhas do Ceilão, os bosquímanos. Os australianos do golfo de São Vicente e das vizinhanças de Adelaide têm muito pelo e a penugem escura na pele dos meninos de cinco e seis anos tem a aparência de uma pele de animal. No entanto, eles são homens degradados (D.S. T.

III – pág. 196) e não a maior aproximação ao homem-animal. Só uma parte desses homens são relíquias lemurianas.

Enquanto H.P.B. escrevia a Doutrina Secreta, a Austrália parecia estar condenada ao retardo, porque a natureza do meio se desenvolve “passo a passo” com a sua raça e, nesse tempo, as correspondências dominavam em toda parte. Os sobreviventes daqueles últimos lemurianos, que escapavam da destruição dos seus companheiros quando o continente principal submergiu, foram antecessores de uma parte das tribos indígenas presentes na época. Sendo uma raça muito inferior, engendrada (procriada) originalmente com animais, com monstros cujos fósseis se encontram a milhas abaixo no fundo do mar, seu tronco existiu desde então num meio fortemente sujeito à Lei do Retardo.

A antropologia dos Livros Secretos é a melhor contestação possível à desprezível contenda entre as teorias evolucionista e as bíblicas (exotéricas) no que se refere à crucial questão que envolve homens e monos.

... a semelhança anatômica entre o homem e o macaco superior, que os darwinistas citam com tanta freqüência como indicando um antecessor comum a ambos, apresenta um problema interessante, cuja devida solução temos de ir buscar na explicação esotérica da gênese dos troncos pitecóides... A Doutrina Secreta já tratou desse assunto, naquilo que era útil, declarando que a bestialidade das raças primitivas, sem mente, produziu monstros enormes de aparência humana, frutos de pais humanos e de animais. À medida que o tempo transcorreu e as formas que ainda eram meio etéreas se consolidaram fisicamente, os descendentes desses seres foram modificados pelas condições externas, até que a espécie, diminuindo de tamanho, culminou nos monos inferiores do período Mioceno.

Com esses seres, os últimos atlantes renovaram o pecado dos “sem mente”, porém dessa vez com plena responsabilidade. Os resultados do seu crime foram os macacos conhecidos agora como antropóides.

Tais confusões sobre essa tão controvertida questão do homem não existiriam se não fosse o vandalismo que destruiu obras da maior importância, a saber:

1. Biblioteca de Nínive – continha cópias de textos babilônicos mais antigos e os copistas copiaram das pequenas tábuas só o que era de interesse pessoal; para os conquistadores assírios pertencentes a uma época comparativamente recente, o que aumentou muito a maior das nossas dificuldades, ou seja:

- a) o fato de estarmos tão frequentemente “às escuras” com respeito ao tempo das nossas provas documentais; e
- b) o valor preciso dos nossos materiais históricos.

Quanto mais a paleontologia teria aprendido se não tivessem destruído milhões de obras! (H.P.B.)

2. Biblioteca de Alexandria – destruída três vezes.

- a) Por Julio César em 48 a.C.
- b) Em 390 depois de Cristo; e
- c) Em 640 depois de Cristo, pelo General do Califa Omar.

E ainda o que é isso em comparação com as obras e anais destruídos nas primitivas bibliotecas atlantes, onde se diz que estavam escritos sobre peles curtidas de monstros gigantes pré-diluvianos.

3. Documentos sobre dinastias e pirâmides, que ainda compartilhem em alguns casos o destino dos períodos geológicos com datações arbitrárias.

Sendo assim, e resumindo o assunto, os Ensinamentos Esotéricos podem permanecer completamente indiferentes à aparição do homem, na Idade Secundária ou na Terciária, pois ela reserva geologicamente suas datas verdadeiras e exatas em relação à Primeira, Segunda e duas terças partes da Terceira Raça-Raiz; e apresenta dados claros unicamente sobre um ponto: o tempo da humanidade do Manu Vaivasvata (consulte-se a 1ª Parte do Tomo III sobre a “Cronologia dos Brahmanes”).

Um conselho prudente que os Ocultistas dão aos senhores geólogos é que devem imitar as nações que dizem que: como a cronologia não pode medir a Era da Criação, por isso seu Antigo e Primitivo Rito usa: 000.000.000 como a maior aproximação da realidade.

Estudo e Texto de Elza Lara Campos